

# CADERNOS

# AH!

# #13



**REVOLTA CONTRA  
A POESIA**

**Antonin Artaud**

## **Revolta Contra a Poesia**

Antonin Artaud

Tradução: Fernando Ramalho

Paginação: Fernando Ramalho

Origem do texto: Antonin Artaud, *Révolte contra la poésie*, edição publicada pelos amigos do autor, Paris, 1944.

Imagem da capa: Georges Pastier, *Portrait photographique d'Artaud*, c. 1947.

Antonin Artaud (1896-1948) foi um poeta francês.

Maio de 2024

[www.muralsonoro.com](http://www.muralsonoro.com)  
[muralsonoro.info@gmail.com](mailto:muralsonoro.info@gmail.com)

Nunca conseguimos escrever sem o impulso de uma encarnação da alma, só que a alma já está formada, e não por nós, quando entramos na poesia.

O poeta que escreve toma a Palavra, e a Palavra tem as suas leis. Está no inconsciente do poeta a crença automática nessas leis. Ele crê-se livre mas não o é.

\*\*\*

Há qualquer coisa do seu pensamento na parte de trás da sua cabeça, em torno das orelhas. Qualquer coisa enraizada desde sempre que germina na nuca. Ele é, talvez, o filho das suas obras, mas as

suas obras não se resumem a ele. O que de si há na sua poesia não foi disposto por ele mas por esse produtor inconsciente de vida que o escolheu como o seu poeta, e que não foi escolhido por ele. E que nunca coincidiu com ele.

\*\*\*

Não quero ser o poeta do meu poeta, desse eu que quis escolher-me poeta, mas o poeta criador, em sedição contra o eu e o meu

ser. E recordo-me da velha rebelião  
contra as formas que investiram so-  
bre mim.

\*\*\*

Foi pela revolta contra o eu e  
o meu ser que me livreí de todas as  
encarnações malévolas da Palavra,  
que nunca foram para o homem  
senão um compromisso entre a co-  
bardia e a ilusão, o resultado de uma  
imponderável fornicção abjecta  
entre a cobardia e a ilusão. Rejeito a

palavra que nasça de uma qualquer  
libido astral totalmente consciente  
do desejo que tenho em mim.

\*\*\*

Há nas formas da Palavra hu-  
mana uma desconhecida operação  
de rapina, uma autofagia rapace em  
que o poeta, preso ao objecto, se vê  
devorado por ele.

Um crime pesa sobre a Palavra tornada carne, o crime de o ter admitido. A libido é um pensamento animal, e foram esses mesmos animais que, um dia, se tornaram humanos.

\*\*\*

A palavra produzida pelos homens é um invertido sepultado pelos reflexos animais das coisas que, através do sacrifício do tempo e das coisas, se esqueceu de que a palavra fora já inventada.

O invertido é aquele que devora o seu ser, que quer ser nutrido pelo seu ser, que procura no seu ser a própria mãe para a possuir. O crime primevo do incesto é o inimigo da poesia, o carrasco do que de imaculado há na poesia.

\*\*\*

Não quero devorar o meu poema, quero oferecer o meu coração ao meu poema. E o que é o meu coração para o meu poema?

É o contrário do meu eu. Ao oferecer o meu coração ao meu poema corro o risco de ser violado por ele. E se sou virgem para o meu poema, ele deve também manter-se virgem para mim.

\*\*\*

Sou esse poeta esquecido, caído um dia sobre a matéria. A matéria não me devorará.

Recuso esses velhos reflexos que mais não são do que consequências de um antigo incesto nascido de uma ignorância animal sobre a virgindade da vida. O eu e o ser são esses estados catastróficos de uma existência em que o vivo se deixa aprisionar por formas de se ver a si próprio. Amar a si próprio é amar um morto, e a lei da virgindade é o infinito. O produtor inconsciente de nós mesmos é como um antigo fornicador que se entregou à

mais pobre magia, que a colheu da infâmia de se reduzir a tal ponto a si mesmo que se tornou capaz de arrancar uma palavra a um cadáver. A libido é a definição desse desejo pelo cadáver e um homem em queda é um criminoso invertido.

\*\*\*

Sou esse primitivo insatisfeito com o horror inexpiável das coisas. Não pretendo reproduzir-me nas coisas mas que as coisas se

produzam através de mim. Recuso qualquer ideia do meu eu no meu poema, não quero sequer rever-me nele.

\*\*\*

O meu coração é essa Rosa que nasceu do poder mágico da Cruz inicial. Aquele que se crucificou, a Si mesmo e por Si mesmo, nunca regressou a si mesmo. Nunca. Esse si mesmo pelo qual Se

sacrificou foi o que o trouxe à Vida  
depois de o ter forçado a tornar-se,  
em si mesmo, o ser da sua própria  
vida.

\*\*\*

Não quero ser senão o poeta  
que se sacrificou na Cabala do ser à  
concepção imaculada das coisas.



**AH!**

**Associação Mural Sonoro**

Cç. Santana, 169

1150-303 Lisboa